



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 5, número 2, maio-ago 2016

## UMA VISÃO CRÍTICA SOBRE O PAPEL DO SUJEITO NAS CORRENTES DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS DA LINGUÍSTICA DOS SÉCULOS XX E XXI



## A CRITICAL VIEW ON THE ROLE OF THE SUBJECT IN LINGUISTIC'S DISCURSIVE AND ENUNCIATIVE CURRENTS OF THOUGHT IN THE 20TH AND 21TH CENTURIES

Joserlândio da Costa Silva  
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Nínive Carolinne de Aquino Silva  
Universidade Regional do Cariri, Brasil

Karla Christina Pinheiro de Lima Veloso  
Universidade Regional do Cariri, Brasil

Rita Eufrásio da Silva  
Universidade Regional do Cariri, Brasil



---

## Abstract

---

This paper presents, initially, a summary of a few reflections on the role of the individual in Linguistic's discursive and enunciative currents of thought – we ponder on the postulates by Michel Foucault and the Bakhtin's Circle. Consecutively, we reflect on the transformations that these thoughts presented for the methodology of teaching a mother language.

---

## Resumo

---

Neste trabalho apresentamos, inicialmente, um resumo de algumas reflexões sobre o papel do sujeito nas correntes discursivas e enunciativas da Linguística, a partir dos postulados de Michel Foucault e do Círculo de Bakhtin. Em seguida, refletimos sobre as transformações que essas reflexões desempenharam na metodologia para o ensino de língua materna.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Subject. Discourse. Teaching.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Discurso. Ensino.

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

Conforme acentua Francelino (2007, p. 18), “a segunda metade do século XX, mais precisamente o período que se inicia na década de 60 e vem até os dias atuais, representa, no âmbito das pesquisas em Linguística, um divisor de águas no modo de conceber seu objeto”. Tal afirmativa procede da observação de que os estudos linguísticos realizados na primeira metade do século passado não trabalhavam a língua a partir de contextos reais, mas enfatizavam apenas aspectos relacionados à estrutura, de ordem fonético-fonológica ou sintática, por exemplo. A mudança nesse modo de estudar a linguagem começa a ser operada quando novas perspectivas que não levavam em conta apenas os aspectos estruturais, mas que observavam, também, as relações subjetivas que se desenrolam nas situações reais

de uso, entram em cena. Com isso, novos pontos de visto sobre o que é a linguagem começam a ser traçados. Tal é, por exemplo, a perspectiva que procede de Bakhtin (2010, p. 81, grifos do autor):

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua ideologicamente saturada, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um maximum de compreensão mútua em todas as esferas da vida ideológica.

Neste trabalho, intentamos cumprir, basicamente, dois objetivos. Primeiramente, pretendemos apresentar um resumo de algumas reflexões que foram feitas durante o século XX acerca do papel do sujeito nas pesquisas em Linguística, possíveis, sobretudo, a partir de teorias que investigam o discurso e que contribuíram para uma mudança de perspectiva no modo de investigar fenômenos relacionados à linguagem. Dados os limites de um artigo, recortamos pontos dos estudos de Foucault e de Bakhtin como base para as discussões que objetivamos realizar. Depois, após uma rápida reflexão sobre como o sujeito é pensado nessas teorias, apresentaremos uma breve reflexão sobre o impacto que elas desempenharam na metodologia que circunscreve o ensino de língua materna, sobretudo, a partir do final do século passado e que se estende nas duas primeiras décadas do século atual. Passemos, assim, ao primeiro tópico da discussão.

## **1 O SUJEITO EM FOUCAULT**

Como já foi mencionado, quando a Linguística começava a se estabelecer como ciência autônoma, o sujeito não era levado em consideração no momento de realização das pesquisas. No Estruturalismo, por exemplo, a língua era vista como um sistema que se realizava sem a presença de um sujeito particular. No entanto, com o surgimento de teorias do discurso, o sujeito foi alcançando um importante espaço. Um dos nomes caros quando se pensa nessas teorias é o de Michel Foucault, em cuja obra observamos a busca pela compreensão de como nos construímos enquanto sujeitos.

Ao pensarmos nos conceitos de sujeito e indivíduo, baseados na obra de Michel Foucault, precisamos saber diferenciar um de outro, uma vez que o termo sujeito designa o indivíduo preso a uma identidade própria. O filósofo analisa as objetivações e subjetivações que implicam na construção deles. Ele conclui que o sujeito é constituído, produzido dentro de uma conjunção de estratégias de poder. Em outras palavras, é produto de relações de poder (PEZ, 2005). Deve ser colocado no centro da reflexão, livre de qualquer atributo e/ou julgamento. Uma vez que o sujeito decorre de um processo histórico, ele deve ser desconstruído e, depois, devidamente construído. Podemos comparar a preparar o terreno para, então, semeá-lo. A partir daí, o produto final será um indivíduo dotado de poder, moral e ética, que devem ser bem administrados – levando-se em consideração que estas habilidades serão utilizadas não apenas por um sujeito, mas por um grupo deles – já que existe um vasto campo de possibilidades para várias condutas e comportamentos.

E o que dizer do poder? Que é totalmente social. Que ganha forma a partir de pequenos pontos de uma rede de ligações, na qual cada ponto representa uma resistência. Caso contrário, não existiriam as mudanças, prova de que não há dominação absoluta. Na visão de Foucault, o que existe realmente não é o poder propriamente dito, mas relações de poder, criadas a partir de ideias e fatos, que culminam na submissão do indivíduo a uma força que, apesar de parecer invisível, age na medida em que os indivíduos interagem e se reproduzem.

É como se o homem estivesse, a todo momento, numa rede que o faz indivíduo constante em formação, sendo o sujeito, portanto, uma variável, ou um conjunto de variáveis do enunciado (DELEUZE, apud ANDRADE; MALUF, 2016).

Segundo Díaz (2012), em *A arqueologia do saber*, Foucault concebe o poder negativamente, com uma imagem repressiva e pobre. Uma abordagem que permite ver somente seu aspecto final, e não seu funcionamento. Só em *A ordem do discurso* é que ele analisa as relações de poder e tudo o que elas podem produzir, assim como as possibilidades do saber. O poder baseado na repressão não produz bons frutos, pois tende a ganhar aspectos jurídicos. O poder aceito e pensado torna-se, todavia, produtivo na medida em que é produto social. E, considerando que a sociedade é extremamente vasta, não podemos nos esquecer dos benefícios que ele

pode trazer para o homem em se tratando de conhecimento, sabedoria, prazer. Em outras palavras, o poder definitivamente não deve assumir caráter repressivo.

Assim, concordamos com Bruni (1989, apud PEZ, 2005, p. 2), quando afirma o seguinte:

Ponto de partida do saber moderno, o Homem é concebido como sujeito ativo, autor de seu próprio ser, seja destinado à revolução, à liberdade ou à conquista da natureza. É no interior de um projeto em que seu ser *deve se realizar* que o Homem se revela como sujeito, construindo-se a si próprio. É no interior do projeto que os obstáculos à realização do Homem deverão ser analisados, como outras tantas figuras de sua finitude: a alienação, a morte, o inconsciente.

Podemos concluir, assim, que Foucault não reconhece um sujeito pré-estabelecido do qual as relações de poder emanam, afinal ele não é produtor destas relações. Ele é, portanto, produto destas relações, objeto de poderes, ciências, instituições (PEZ, 2005).

Passemos, depois dessa rápida consideração sobre o sujeito pensado a partir de Foucault, a um resumo das reflexões feitas por Bakhtin e o Círculo sobre esta questão.

## 2 O SUJEITO NO CÍRCULO DE BAKHTIN

A linguagem sempre foi um campo de estudo e de interesse do homem, além de nos permitir trocar experiências, falar e comunicar-se. A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo de comunicação social, não havendo, portanto, sociedade sem linguagem.

A complexidade do fenômeno linguístico vem, há muito tempo, desafiando a compreensão dos estudiosos da área da linguagem, a Linguística. É no início do século XX, com o advento dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, que a Linguística passa a ser reconhecida como estudo científico, ou seja, como ciência, depois da publicação do *Curso de linguística geral*, em 1916. Em seus postulados, Saussure afirmava que, ao mesmo tempo em que a linguagem pertence aos

domínios físico, fisiológico e psíquico, pertence também aos domínios individual e social. Assim, o mestre genebrino separou a língua e a fala.

Vale a pena ressaltar que Saussure considerou as duas formas, *langue* e *parole*, como inseparáveis, visto que são interdependentes, porém focalizou, em seu trabalho, somente a língua, que considerava ser um produto social depositado no cérebro dos falantes. Desse modo, para o mestre genebrino, o real objeto da Linguística deveria ser a língua, em detrimento da fala.

Por um lado, os postulados de Ferdinand de Saussure foram de incontestável significância para muitos estudiosos da área da linguagem. Por outro, eles suscitaram respostas de outros estudiosos, cujo pensamento divergia do seu. Nesse sentido, podemos destacar o pensador russo Mikhail Bakhtin, bem como outros estudiosos russos que integraram o chamado *Círculo de Bakhtin*. Uma das críticas que eles fizeram ao pensamento de Saussure recaiu no fato de que este não deu primazia à fala como o objeto de estudo da linguística, excluindo, assim, o sujeito, o verdadeiro usuário da língua.

Para Bakhtin e o Círculo, não é possível entender o exercício da linguagem humana sem compreendermos o indivíduo e as relações dialógicas em que ele está inserido o tempo todo. Assim, o elemento essencial, de acordo com os estudiosos russos, que deve ser considerado em qualquer análise linguística é o indivíduo, situado em uma complexa rede de relações dialógicas. Conforme Ribeiro (2007, s/n), “o único objeto real e material de que dispomos para entender o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade”. Nesta perspectiva, o sujeito é considerado algo indissociável dos estudos da linguagem.

O conceito de sujeito, no Círculo de Bakhtin, conforme indica Severo (2008), está intrinsecamente relacionado ao conceito de língua, ou seja, linguagem e sujeito estão intimamente relacionados, uma vez que, conforme Bakhtin/Volochínov (apud SEVERO, 2008, p. 46) “sua atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente estilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua”. Assim, fica evidente que a língua não é tratada como sistema abstrato, conforme destacamos na introdução deste trabalho.

A partir da leitura de Geraldi (2010) e Sobral (2009), destacamos as seguintes características do sujeito em termos bakhtinianos: responsabilidade, dialogicidade e historicidade. A primeira dessas características nos permite compreender que o sujeito não é de um todo assujeitado, ou seja, ele não reproduz discursos associados a práticas institucionalizadas sem refletir sobre eles. No dizer de Sobral (2009, p. 48), podemos observar, na teoria bakhtiniana,



a integração entre o domínio da construção ideológica do psiquismo e o domínio da participação do psiquismo na construção ideológica da realidade que podemos perceber nos signos da linguagem, nas representações do mundo pela linguagem. A construção ideológica do mundo afeta o psiquismo, mas não pode existir sem ele; ela e o psiquismo estão inseridos no ambiente social e histórico, marcado por divisões de vários tipos, que é tanto seu contexto e condições de possibilidade como produto de sua ação: assim como dependem do ambiente social e histórico para existirem, a ideologia e o psiquismo constituem esse mesmo ambiente.

A citação acima, se, por um lado, acentua o caráter *responsável* do sujeito, por outro, confirma que este também não pode ser teorizado como a suprema fonte de seu dizer, o que Bakhtin/Volchínov (2012, p. 49) já expuseram: “O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável exclusivamente por fatores sociais, que determinam a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições do meio social”. Eis, portanto, a outra característica do sujeito: ele é histórico, situado em uma rede de forças discursivas que se desenrolam no tempo, e, por isso, sempre elabora seu dizer a partir dos embates sociais que marcam sua época.

Por fim, apontamos o caráter dialógico do sujeito bakhtiniano, ou seja, o homem sempre elabora seu dizer correlacionado tanto com o já dito quanto com o porvir de outros. Dessa forma, o eu sempre é definido a partir de uma relação dialógica com o outro. No dizer de Bakhtin/Volochínov (2012, p. 101),

toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo na cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que

Assim, para Bakhtin/Volochínov, a enunciação é uma parte integrante da atividade linguística, sendo ela crucial para a análise das relações humanas. A noção de enunciação não é vista somente como algo que abrange a língua em si, mas também envolve outros fatores, como a interação verbal, o contexto de fala e os interlocutores.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feitas essas considerações sobre o papel do sujeito nas duas teorias aqui tratadas, podemos nos questionar o seguinte: como elas influenciaram na maneira como se trabalha língua materna? Pontuamos, inicialmente, a seguinte mudança de perspectiva quanto ao modo como os sujeitos usam uma língua: deixou de existir um modo correto, único, de o fazer. A relação *indivíduo-língua* deixou de ser vista a partir da ótica resultante de uma força discursiva centralizadora que simplificava tal relação em padrões de certo/errado. Claro que, para essa mudança de perspectiva, estudos de outras áreas, como a sociolinguística, a psicolinguística e a pragmática, também foram importantes; mas, de igual modo, as considerações sobre o sujeito, advindas da teoria bakhtiniana, por exemplo, muito contribuíram.

A última afirmativa acima pode ser exemplificada se pensarmos na cara noção de *gêneros discursivos*, definidos por Bakhtin (2011) como *enunciados relativamente estáveis* elaborados em cada campo de utilização da língua, e que influenciou significativamente a elaboração de documentos oficiais que orientam a prática do ensino de língua materna, como os PCN's. Ora, por trás dessa noção de gêneros, na qual deve estar centrada a prática docente, está a ideia de que os sujeitos são caracterizados por se relacionarem de forma dialógica nas diferentes esferas de atuação humana, utilizando, em cada uma dessas esferas, a língua de modos diferentes. Ao docente, é dado o papel de contribuir para que o aluno amplie seu repertório de gêneros discursivos, para que, assim, ele seja capaz de se movimentar discursivamente por diferentes setores da sociedade.

Outra mudança que essas teorias fizeram surgir no modo de proceder no ensino de língua materna foi a possibilidade de deslocar os objetivos que fundamentam a prática docente. De uma perspectiva centrada na compreensão das estruturas da língua, tais objetivos passaram à compreensão das forças discursivas, permeadas por relações de poder e saber, historicamente engendradas, que (en)formam os sujeitos. Ora, com essa mudança de perspectiva, o ensino se consolida como uma prática que se firma no compromisso de mostrar ao aluno uma realidade discursivamente macroestrutural, o que lhe permite o desenvolvimento de seu potencial crítico.

Por fim, outra mudança que podemos observar no ensino de língua materna, operada por essas teorias que contemplam o sujeito, é que o trabalho com a compreensão dos sentidos de um texto não pode mais homogeneizar nem prender esse sentido às estruturas linguísticas. Para que se alcance essa compreensão, agora é necessário considerar, não somente as particularidades dos enunciadores, mas também centrar-se nas singularidades dos leitores e na rede de relações dialógicas em que tal texto se inscreve.

---

## Referências

---

ANDRADE, A.P.M.; MALUF, S.W. Sujeitos e(m) experiências: estratégias micropolíticas no contexto da reforma psiquiátrica no Brasil. **Physis. Revista de Saúde Coletiva** (UERJ. Impresso), v. 26, p. 251-270, 2016.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13. ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

DÍAZ, E. **A filosofia de Michel Foucault**. Tradução de Cesar Candiottto. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FRANCELINO, P. F. **A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa**. 2007. 184f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GERALDI, J.W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. p. 279-292.

PEZ, T.D.P.P. **Pequena análise sobre o poder em Foucault**. 2005. Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

RIBEIRO, L. F. O conceito de linguagem em Bakhtin. **Revista Brasil de Literatura**, Rio de Janeiro, v. único, não paginado, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. 5. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

SEVERO, C. G. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. **Revista eletrônica do instituto de humanidade**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 25, p. 45-60, 2008.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercados de Letras, 2009.

---

### Para citar este artigo

---

SILVA, Joserlândio da Costa et al. Uma visão crítica sobre o papel do sujeito nas correntes discursivas e enunciativas da linguística dos séculos XX e XXI. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 47-56, maio-ago. 2016.

---

### Os autores

---

Joserlândio da Costa Silva é mestrando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Graduiu-se em Letras pela Universidade Regional do Cariri, onde, atualmente, também cursa pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa.

Nínive Carolinne de Aquino Silva é graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri, onde, atualmente, cursa pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa.

Karla Christina Pinheiro de Lima Veloso é graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri, onde, atualmente, cursa pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa.

Rita Eufrásio da Silva Correio é graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri, onde, atualmente, cursa pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa.